



## HOMOSSEXUALIDADE E VIOLÊNCIA: REVISÃO DE LITERATURA

Ana Gabriela Lima Bispo de Victa<sup>1</sup>  
Eva Carneiro Silva Passos<sup>2</sup>

**Resumo:** Trata-se de uma revisão de literatura que objetivou analisar artigos sobre atos e contextos de violência contra homossexuais. Usando-se os descritores “violência” e “homossexualidade”, foram encontrados 18 artigos nas bases de dados Medline/PubMed e Scielo, sendo selecionados 10 destes. Entre as publicações, 60% abordaram sobre a violência de terceiros contra homossexuais, e 40% discutiram a violência que acontece entre os próprios homossexuais. Além disso, os estudos relataram que a comunidade GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais e travestis) está mais susceptível à baixa auto-estima, maior ideação suicida e uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas quando comparados aos heterossexuais. Os artigos não abordaram nem questões relacionadas a estratégias de redução de violência contra e na comunidade GLBTT, nem fomentaram discussões sobre a criminalização da violência contra estes cidadãos, sugerindo a necessidade de se colocar em evidência esses aspectos em futuras publicações.

**Palavras-chaves:** Homossexualidade; Violência; Homofobia; Preconceito.

### INTRODUÇÃO

A homofobia, palavra oriunda das expressões gregas “homos” (o mesmo) e “phobikos” (ter medo ou aversão), representa a repulsa que um indivíduo vincula às relações afetivas e ou sexuais entre aqueles do mesmo sexo ou às manifestações sexuais não homogênicas, que pode ser expressa através de preconceito, discriminação, agressões verbais e atos de violência (MARINHO *et al.*, 2004). Ou, ainda pode ser conceituada como um meio de julgar as relações não normativas como inferiores à supremacia da heterossexualidade (POCAHY; NARDI, 2007).

Essa inferiorização das relações homossexuais inicialmente aconteceu por parte das instituições religiosas, que não aprovavam este tipo de expressão amorosa, classificando como pecado e ato espúrio. O castigo para os homossexuais era o apedrejamento e a fogueira. Depois, a homossexualidade foi considerada como atentado

1- Enfermeira. Mestranda em Saúde Coletiva (UEFS). E-mail: anagabrielavicta@hotmail.com

2-Enfermeira. Mestranda em Saúde Coletiva (UEFS). E-mail: enfermeiraevapassos@yahoo.com.br

ao pudor, tornando-se um crime e seus praticantes perseguidos pela lei. E então, a ciência ratificou toda essa sequência de erros e constatou que a relação entre pessoas do mesmo sexo era doença. Somente em 1970 que a Associação Americana de Psicologia não mais considerou a homossexualidade como distúrbio ou patologia (MOTT, 2006).

Já em 1983, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou da Classificação Internacional de Doenças a condição patológica da homossexualidade (MOTT, 2006). No entanto, vive-se atualmente e em escala mundial, uma avalanche de violência contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais (GLBTT), sendo este um preocupante problema de saúde pública. Acredita-se que esse fenômeno seja fruto do heterossexismo (ideologia que estigmatiza e inferioriza a comunidade GLBTT à hegemonia heterossexual) e da construção cultural do conceito da masculinidade baseado na violência (MARINHO *et al.*, 2004).

Por muitos anos, os crimes brasileiros cometidos contra homossexuais foram marginalizados e apenas noticiados através da mídia. Somente no final da década que 90 que houve a inauguração do Disque Defesa Homossexual (DDH), no Rio de Janeiro, com o objetivo de denunciar os crimes de violência e defender os direitos destes cidadãos. No primeiro ano de funcionamento do DDH, foram recebidas mais de 500 denúncias (6,3% - assassinatos, 20,2% - discriminação, 18,7% - agressão física e 10,3% extorsão). Portanto, o DDH foi a primeira porta de investigação dos crimes contra os homossexuais, já que eles próprios efetuavam as denúncias e colocavam em evidências muitos fatos que por ventura ficaram omissos à sociedade (BRASIL, 2004; LIONÇO, 2008).

Essa omissão e as diversas formas de marginalização e violência contra homossexuais causam efeitos nocivos à saúde de suas vítimas, como agitação, insônia, choro incontrolável, sofrimento psíquico, vulnerabilidade ao uso abusivo de álcool, cigarro e outras drogas, sentimentos de tristeza, ansiedade, insatisfação, negação, medo, raiva, tristeza, auto-piedade, culpa, inadequação, perda, rejeição, humilhação e depressão, de modo que devem ser estudadas as circunstâncias de violência e combatidas socialmente (LIONÇO, 2008; MARINHO *et al.*, 2004).

Apesar de tantos efeitos deletérios, as estatísticas brasileiras são alarmantes, mesmo que incipientes pela falta de um sistema notificador de denúncias consistente em todo o território nacional. Exemplificando, segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB) e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), entre 1963 e 2004, ocorreram 2.501 assassinatos à comunidade GLBTT, dos quais 63% gays, 31% travestis

e 6% lésbicas (MOTT, 2006). Diante desses números, o movimento GLBTT vem se organizando e ganhando força na articulação de leis e políticas que defendam os direitos dessa comunidade, sobretudo relacionado ao combate à violência. Um exemplo disso é o projeto de Lei Nº 122 de 2006 sobre a criminalização da homofobia, mesmo com a coexistência de leis municipais que tratam sobre o mesmo tema (LIONÇO, 2008).

Diante do exposto, tendo em vista que a temática da homofobia está cada dia mais presente na sociedade, e considerando a necessidade de contribuir para adoção de estratégias de prevenção à violência contra homossexuais através de achados científicos, este artigo objetivou analisar produções bibliográficas disponíveis em bases de dados *on line* que abordassem atos e contextos de violência contra homossexuais.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, oriunda de um levantamento de produções científicas nas bases de dados Scielo (através da plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES) e Medline/PubMed (pela Biblioteca Virtual em Saúde – BVS). Esse tipo de estudo permite que sejam conhecidas estratégias de pesquisas que têm sido adotadas em realidades diferentes, resultados encontrados que devem ser confrontados, e são fonte para análises da rede de causalidades de doenças e agravos (ECHER, 2001)

A seleção dos periódicos se deu nas bases citadas com os descritores “violência” e “homossexualidade”, sendo incluídos artigos nacionais ou internacionais que estabelecessem relação entre esses descritores, e excluídos os de reflexão teórica ou revisão bibliográfica, e ainda, aqueles que apenas citassem os descritores, não os colocando como objeto principal da pesquisa.

Na base Medline/PubMed foram encontrados quatorze artigos, e na base do Scielo, quatro; após leitura analítica e utilização dos critérios de inclusão e exclusão, ao final ficaram respectivamente nove, e um. Estas publicações foram então organizadas em uma planilha no Microsoft Office Excel 2007 e numeradas conforme ordem alfabética das referências formatadas segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002).

Nesta planilha as informações para análise eram alocadas nas colunas conforme os seguintes dados obtidos nos resumos dos artigos: número do artigo coletado; referência; local do estudo; ano; base de dado; revista; tipo de estudo; amostra/

população/ sujeitos da pesquisa; objetivos; resultados; conclusões/ observações. Durante a leitura analítica, os achados que foram se destacando entre os artigos constituíram-se as unidades de análise deste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados dez artigos: oito estadunidenses, um mexicano e um brasileiro. Nota-se uma pequena quantidade de artigos que trabalhem com essa temática, havendo concentração nos Estados Unidos da produção científica nessa área. Conforme consta no Quadro 1, apenas nos anos de 2004 e 2005 foi encontrada mais de uma publicação sobre o assunto, sendo que as demais se dispuseram entre os anos de 1998 a 2011.

**Quadro 1** Caracterização dos artigos quanto aos autores, título, revista e ano de publicação.

AUTORES	TÍTULO	REVISTA	ANO
CRAFT; SEROVICH	Family-of-Origin Factors and Partner Violence in the Intimate Relationships of Gay Men Who Are HIV Positive.	Journal of Interpersonal Violence	2005
FAULKNER ; CRANSTON	Correlates of Same-Sex Sexual Behavior in a Random Sample of Massachusetts High School Students.	American Journal of Public Health	1998
HUEBNER; REBCHOK; KEGELES	Experiences of Harassment, Discrimination, and Physical Violence Among Young Gay and Bisexual Men.	American Journal of Public Health	2004
MATTHEW S <i>et al.</i>	Prediction of Depressive Distress in a Community Sample of Women: The Role of Sexual Orientation.	American Journal of Public Health	2002
NEWMAN; RHODES; WEISS	Correlates of Sex Trading Among Drug-Using Men Who Have Sex With Men.	American Journal of Public Health	2004
ORTIZ- HERNAND	Efectos de la violencia y la discriminación en la salud mental de bisexuales, lesbianas	Caderno de Saúde Pública	2005

EZ; TORRES	y homosexuales de la Ciudad de México.		
REED <i>et al.</i>	Alcohol and Drug Use and Related Consequences among Gay, Lesbian and Bisexual College Students: Role of Experiencing Violence, Feeling Safe on Campus, and Perceived Stress.	Clinical Psychology Review	2008
ROSELLI-CRUZ	Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar.	Educação em Revista	2011
RUSSELL; FRANZ; DRISCOLL	Same-sex Romantic Attraction and experiences of Violence in Adolescence	American Journal of Public Health	2001
WONG <i>et al.</i>	Harassment, Discrimination, Violence and Illicit Drug Use among Young Men Who Have Sex with Men.	AIDS Educ Prev	2010

A busca realizada com os descritores “homossexualidade” e “violência” gerou apenas um artigo da Scielo – o único brasileiro (ROSELLI-CRUZ, 2011); os demais, por conseguinte, foram disponibilizados pela Medline/PubMed. Os periódicos indexados nessas bases, e que publicaram esses artigos tem como foco a publicação de estudos na área de saúde pública (60%), educação (20%), psicologia (10%) e violência (10%).

Considerando a evidência mundial que hoje tem a temática da homofobia, suas circunstâncias e repercussões, questiona-se a quantidade restrita de artigos que discutam essa problemática social. É possível, no entanto, que a escolha dos descritores tenha reduzido sensivelmente a quantidade de artigos relacionados à questão, sobretudo os nacionais, considerando-se ser esta uma limitação desse estudo.

Quanto aos métodos de pesquisa descritos nos artigos, foram identificados: cinco quantitativos não experimentais exploratórios (50%); três transversais (30%); um qualitativo descritivo de observação participante (10%); e um de coorte (10%).

O foco de estudo dos artigos encontrados, apesar de centralizar a análise na violência e na homossexualidade, traz perspectivas diferentes que precisam ser consideradas pela ciência, que se arrisca a restringir estudos na área de homofobia.

Exemplificando, 60% abordaram sobre a violência de terceiros contra homossexuais (FAULKNER; CRANSTON, 1998; HUEBNER; REBCHOOK; KEGELES, 2004; ORTIZ-HERNANDEZ; TORRES, 2005; REED *et al.*, 2008; ROSELLI-CRUZ, 2011; WONG *et al.*, 2010), e 40% discutiram a violência que acontece entre os próprios homossexuais (CRAFT; SEROVICH, 2005; FAULKNER; CRANSTON, 1998; RUSSELL; FRANZ; DRISCOLL, 2001; WONG *et al.*, 2010).

Sobre essas duas formas de manifestação da violência, um estudo realizado no Estado do Rio de Janeiro constatou que dos 416 entrevistados durante uma parada gay, 60% relataram ter sofrido algum tipo de violência em virtude da sua opção sexual – o que caracterizaria homofobia – representada por discriminação e preconceito (58.5%), agressão verbal (56.3%), agressão física (42.3%), chantagem e extorsão (18%), experienciada em casa (14.9%) e em locais públicos (50.2%), principalmente por algum desconhecido (46.1%) (CARRARA; RAMOS; CAETANO, 2003).

Resultados semelhantes foram encontrados em Los Angeles, onde dos 1233 homossexuais e bissexuais do sexo masculino, 37% sofreram agressão verbal, 11.2% foram vítimas de discriminação e 4.8% foram violentados fisicamente, também por terceiros (HUEBNER; REBCHOOK; KEGELES, 2004). Já entre parceiros, a caracterização do perfil dos tipos de violência é diferente.

Segundo Wong e colaboradores (2010), entre os 526 homossexuais, 12% foram agressores e 41% foram vítimas de violência por parceiro íntimo, sendo elencados as agressões emocionais e físicas (23%) e o abuso sexual (18%) como os principais tipos. Portanto, verifica-se que o local de agressão e o nível de intimidade entre a vítima e o seu algoz modificam o perfil da violência vivenciada pela comunidade GLBTT, pois os desconhecidos perpetram mais a violência de cunho discriminatório em locais públicos por não tolerarem as relações afetivas e sexuais não normativas, enquanto que entre os parceiros, a violência está vinculada a uma relação conjugal desestruturada e desrespeitosa no ambiente íntimo-familiar.

A vivência da violência intrafamiliar também pode gerar crianças multiplicadoras de atos agressivos, adotando esse comportamento como estilo de vida e reproduzindo em seus relacionamentos em várias fases do seu desenvolvimento, desde a infância até a fase adulta (ARAÚJO, 2002). Apesar de dois dos artigos evidenciarem a história de violência na infância como uma característica de adultos violentos (NEWMAN; RHODES; WEISS, 2004; WONG *et al.*, 2010), o estudo de Craft e Serovich (2005) não encontrou correlação estatisticamente significativa entre vivenciar

violência no meio familiar e ser agressor ou vítima de violência no relacionamento, já que a amostra do estudo foi de conveniência (não representativa por se restringir aos homossexuais masculinos e que eram soropositivos para o HIV).

Dentre as consequências da violência contra homossexuais está a ainda a menor auto-estima e aumento na ideação suicida, exemplos ilustrativos da agressão à saúde mental. Esta foi citada por metade das produções (CRAFT; SEROVICH, 2005; MATTHEWS *et al.*, 2002; ORTIZ-HERNANDEZ; TORRES, 2005; REED *et al.*, 2008; RUSSELL; FRANZ; DRISCOLL, 2001). Já o aumento das ideias suicidas ou tentativas de suicídio foi um aspecto abordado por 40% dos estudos (FAULKNER; CRANSTON, 1998; HUEBNER; REBHOOK; KEGELES, 2004; MATTHEWS *et al.*, 2002; ORTIZ-HERNANDEZ; TORRES, 2005). Diante dessa realidade, no entanto, apenas dois artigos abordaram a assistência psicológica procurada pelos homossexuais ou oferecidas a eles (MATTHEWS *et al.*, 2002; WONG *et al.*, 2010).

O sofrimento mental que pode levar à tentativa de suicídio pode ser explicado pela não aceitação social ou do próprio, em relação à opção sexual, além da ausência de suportes sociais sólidos e inserção num ambiente hostil à diversidade sexual. Como estratégia de enfrentamento, o indivíduo tanto deve buscar ajuda psicoterápica, como também deveria assumir a orientação sexual de modo pleno, propiciando um melhor bem-estar psicossocial (CEARA; DALGALARRONDO, 2010).

Os danos físicos causados pela homofobia ou por próprios parceiros homossexuais, por sua vez, não foram caracterizados pelos artigos; ao invés disso, colocou-se em 40% desses, que os homossexuais estão mais expostos a assédio sexual (CRAFT; SEROVICH, 2005; ORTIZ-HERNANDEZ; TORRES, 2005; REED *et al.*, 2008; RUSSELL; FRANZ; DRISCOLL, 2001), e, por conta disso, estariam também mais expostos a contraírem o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (FAULKNER; CRANSTON, 1998; HUEBNER; REBHOOK; KEGELES, 2004).

Contraditoriamente à sua função social, a escola foi considerada como importante espaço de manifestação de violência contra homossexuais em 30% dos artigos (FAULKNER; CRANSTON, 1998; RUSSELL; FRANZ; DRISCOLL, 2001; WONG *et al.*, 2010). Como espaço social e dinâmico, a escola atua no processo de formação do pensamento crítico, mas, no que tange à discussão da diversidade sexual, há uma visão reducionista do tema, sendo contemplado de forma biologicista e heterohegemônica (BORGES; MEYER, 2008).

Diante disso, Dinis e Asinelli-Luz (2007) trabalham com a ideia de que é necessário que os professores sejam preparados para conduzir a educação sexual adequadamente. Entretanto, em pesquisa realizada por Borges e Meyer (2008), verificou-se que aqueles professores que voluntariamente realizaram um curso sobre diversidade sexual sofreram preconceito de colegas de trabalho e familiares, a ponto de ter a sexualidade questionada. Nessa perspectiva, a questão da homossexualidade poderia ser melhor trabalhada, sendo enfatizado o respeito entre cidadãos de diferentes orientações sexuais, independente de faixa etária, sexo, raça e religião, e estando ou não no ambiente escolar.

Sobre o quesito raça, apenas um dos estudos selecionados o considerou, concluindo que maioria significativa dos sujeitos negros da pesquisa já havia passado por experiências de racismo, em detrimento de circunstâncias em que se poderia destacar homofobia (WONG *et al.*, 2010). Essa realidade caracteriza a força da questão racial, especialmente na sociedade norte-americana, que atrai consigo uma carga histórica de marginalização que chega a transcender a orientação sexual, potencializando preconceitos dessa ordem (ARAÚJO *et al.*, 2009; KILSZTAJN *et al.*, 2005; TELLES; BAILEY, 2002).

Verificou-se que 50% dos artigos discutem a droga na relação que se estabelece entre violência e homossexualidade (FAULKNER; CRANSTON, 1998; NEWMAN; RHODES; WEISS, 2004; ORTIZ-HERNANDEZ; TORRES, 2005; REED *et al.*, 2008; WONG *et al.*, 2010). Um exemplo dessa possibilidade é o estudo de Faulkner e Cranston (1998), que comparou uso de drogas, vivência da violência, comportamento sexual e suicida de jovens que tinham tido experiências homossexuais, com aqueles que tinham tido experiências apenas heterossexuais. Nesse estudo, constatou-se que os homossexuais estão mais expostos que os heterossexuais a serem vítimas de violência entre parceiros e entre colegas na escola – mesma conclusão obtida por Matthews *et al.*, (2002) e Russell, Franz e Driscoll (2001) quando analisam outras faixas etárias. Nessa mesma perspectiva de comparação, estão também mais vulneráveis ao uso abusivo do álcool, maconha e cocaína, e a realizarem ou planejarem tentativas de suicídio.

Ainda sobre a relação das drogas com as manifestações de atos violentos contra homossexuais, segundo a Organização das Nações Unidas, pode-se afirmar que os efeitos alucinógenos e agudos das drogas psicoativas potencializam manifestações violentas, desencadeando um ciclo de violência de complexo combate. Além disso, infere-se que a exposição à qual os homossexuais se colocam no tráfico sexual para



angariar recursos e nutrir o vício – por não ter moradia e/ ou não ter conseguido oportunidade no mercado de trabalho – o deixa ainda mais vulnerável à violência (UNITED NATIONS ORGANIZATION, 2004; TAQUETTE *et al.*, 2005).

Após análise dos artigos, não se notam referências às diferenças nas condições socioeconômicas dos indivíduos expostos/ vítimas ou atores da violência, como trazem os clássicos da literatura científica sobre essa temática, que consideram na maioria das vezes esse aspecto como integrante da sua rede de causalidade. Isso pode ser explicado pelo perfil diferenciado da homofobia enquanto prática violenta que transversaliza a sociedade em todas as classes sociais e que está relacionada ao preconceito de gênero (BORILLO, 2001; WELZER-LANG, 2001).

Todavia, a reflexão sobre a perda dos direitos que conformam a condição de cidadania deve ser elencada, já que esta, de fato, é afetada pelo preconceito. Sendo assim, já que os homossexuais são excluídos do padrão classista adotado mundialmente e à margem do que seria aceito como “normal” ou dentro dos padrões morais, seguem sendo vítimas da violência física, moral ou estrutural sem garantias de que a impunidade (omissão do Estado na prevenção e repressão da violência) será combatida – pois se trata de um comportamento apoiado por grande parte da sociedade (AGUDELO, 1997; CHESNAIS, 1999; CRUZ NETO; MOREIRA, 1999).

Como consequência, acontece um evento que é citado apenas por Newman, Rhodes e Weiss (2004) dentre os artigos selecionados: os homossexuais ficam sem moradia, o que pode estar relacionado com suas expulsões de casa pelos pais ou outras agressões domésticas que os tenham feito sair de casa; e que abrem espaço para uma realidade de alta vulnerabilidade social, péssimas condições de vida, e mais ciclos de adoecimento e envolvimento com a realidade do crime (CÓRDOVA, 2008; PAIM, 1995).

No geral, os artigos não trazem muitas sugestões para estratégias de redução da violência contra homossexuais, até por ser uma temática recentemente estudada pela ciência da saúde. No entanto, notam-se algumas possibilidades elencadas pelos autores: criar configurações de segurança social, ajudando os homossexuais a lidar com efeitos psicológicos do preconceito e das várias formas de violência; fortalecer estratégias e espaços de denúncias para que investigações de atos criminosos sejam efetivas; abordar o tema homofobia abertamente nas escolas e faculdades; e incentivar a redução do consumo de álcool na população em geral.

Medidas como essas e a ampliação de estudos nessa área podem contribuir para melhor compreensão da violência contra homossexuais, com vistas à estruturação de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve como limitação o número restrito de produções científicas, que pode estar relacionado à utilização dos descritores “homossexualidade” e “violência”. Porém os artigos encontrados foram importantes no levantamento de unidades de análise quando se trata da temática violência contra homossexuais.

Assim, foi possível através da leitura e análise dos artigos identificar que a violência contra homossexuais parte tanto de terceiros quanto dos próprios parceiros, ampliando a compreensão de que apenas na homofobia a violência contra homossexuais é retratada. No entanto, apesar de os artigos evidenciarem agressões físicas (incluindo assédios sexuais, expondo-os mais ao HIV) e mentais como consequências dessa violência, eles não discutem a criminalização da homofobia, ficando como um item importante a ser trabalhado nas próximas publicações.

Percebe-se que um maior aprofundamento dos estudos nos casos de violência contra homossexuais pode contribuir na formulação de estratégias de combate e prevenção da violência contra esse grupo, inserindo essa temática em ambientes de formação cidadã como escolas e faculdades. Para tanto, sugere-se que antes sejam realizadas capacitações ou debates entre professores ou mesmo durante a formação destes, considerando que para se retirar os homossexuais da posição de cidadãos marginalizados da sociedade, é preciso interromper manifestações e posturas que os considerem “não naturais/ normais”.

É válido salientar que medidas de combate à violência começam desde a proteção da criança que vivencia ou é vítima de violência domiciliar, o que, como colocado em alguns estudos, pode contribuir para formação de um adulto violento ou com transtornos mentais, dando continuidade ao ciclo da violência. É inclusive no ambiente domiciliar que devem começar os cuidados educativos sobre o uso de drogas, as quais, conforme discutido, compõem na maioria das vezes os cenários relacionados à violência contra homossexuais.

Ainda sobre as drogas e os transtornos mentais causados pela condição de marginalização à qual são colocados os homossexuais desde sua infância, nota-se que se

faz necessário que o sistema de saúde acolha de maneira mais resolutiva esses cidadãos com toda a sua complexidade, para que consequências mais graves como suicídio sejam evitadas.

Outro aspecto que pede mais publicações é o aprofundamento de estudos com homossexuais com foco no diferencial de raça/ cor da pele. Como discutido nesse trabalho, os efeitos do preconceito são potencializados e precisam ser combatidos através de discussões em diversos espaços sociais, e atividades educativas que incluam todas as classes etárias, independente de gênero, ou estrato social, já que, como discutem os trabalhos, a questão da orientação sexual e suas repercussões transversaliza todas as camadas sociais.

Por fim, esse artigo cumpre seu objetivo ao analisar as publicações sobre violência contra homossexuais, sugerindo que concomitantemente ao aumento da produção científica na área, a sociedade consiga estabelecer espaços abertos de debate, evidenciando que de maneira alguma as diferenças nas orientações sexuais são razões para intolerância e atitudes violentas entre as pessoas. Muito pelo contrário: é preciso unir forças para combater a violência seja lá que face tenha, e promover uma cultura de paz a envolver justiça social e respeito entre concidadãos.

## REFERÊNCIAS

AGUDELO, Saul Franco. Violência, Cidadania e Saúde Pública. In: BARATA, Rita Barradas *et al*, **Equidade e Saúde: Contribuições da Epidemiologia**, Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 39-62, 1997.

ARAÚJO, Edna Maria de *et al*. Diferenciais de raça/cor da pele em anos potenciais de vida perdidos por causas externas. **Rev. Saúde Pública**. v.43, n.3, p. 405-12, 2009.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 7, n. 2, dez. 2002.

BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, mar. 2008.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**. Espanha: Bellaterra, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília, Distrito Federal, 2004.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Márcio (Coordenadores). **Política, direitos, violência e homossexualidade: 8ª Parada do orgulho GLBT – Rio – 2003**. Rio

de Janeiro : Pallas, 2003.

CEARA, Alex de Toledo; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 37, n. 3, 2010 .

CHESNAIS, Jean Claude. A Violência no Brasil. Causas e recomendações políticas para a sua prevenção. **Ciênc. saúde coletiva**, v.4, n.1, p.53-69, 1999.

CRAFT, Shonda M.; SEROVICH, Julianne M. Family-of-Origin Factors and Partner Violence in the Intimate Relationships of Gay Men Who Are HIV Positive. **J Interpers Violence**. v.20, n.7, p.777 - 91, 2005.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo. A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. **Ciênc. saúde coletiva**, v.4, n.1, p.33-52, 1999.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. Trajetórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços. In: LAGO, Mara Coelho de Souza *et al.* **Gênero e Pesquisa em Psicologia Social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **R. gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.5-20, 2001.

FAULKNER, Anne H.; CRANSTON, Kevin. Correlates of Same-Sex Sexual Behavior in a Random Sample of Massachusetts High School Students. **American Journal of Public Health**. v.88, n.2, 1998.

HUEBNER, David M.; REBCHOOK, Gregory M.; KEGELES, Susan. Experiences of Harassment, Discrimination, and Physical Violence Among Young Gay and Bisexual Men. **American Journal of Public Health**. v.94, n.7, 2004.

KILSZTAJN, Samuel *et al.* Vítimas da cor: homicídios na região metropolitana de São Paulo, Brasil, 2000. **Cad. Saúde Pública**. v.21, n.5, p. 1408-15, 2005.

LIONÇO, Tatiana. Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. **Saude soc.**, São Paulo, v.17, n.2, jun. 2008.

MARINHO, Carla de A. *et al.* Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.14, n.29, dez. 2004.

MATTHEWS, Alicia K. *et al.* Roberta Prediction of Depressive Distress in a Community Sample of Women: The Role of Sexual Orientation.. **American Journal of Public Health**. v.92, n.7, 2002.

MOTT, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.14, n.2, set. 2006.

NEWMAN, Peter A; RHODES, Fen; WEISS, Robert E. Correlates of Sex Trading Among Drug-Using Men Who Have Sex With Men. **American Journal of Public Health**. v.94, n.11, 2004.

ORTIZ-HERNANDEZ, Luis; TORRES, María Isabel Garcia. Efectos de la violencia y la discriminación en la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México. **Cad. Saúde Pública**. v.21, n.3, p. 913-925, 2005.

PAIM, Jairnilson S. Abordagens teórico-conceituais em estudos de condições de vida e saúde: algumas notas para a reflexão e ação. **Seminário Latino-Americano “Abordagens teórico-conceituais em estudos de condições de vida e situação de saúde**. São Paulo, ABRASCO, 1995.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.15, n.1, abr. 2007.

REED, Elizabeth *et al.* Alcohol and Drug Use and Related Consequences among Gay, Lesbian and Bisexual College Students: Role of Experiencing Violence, Feeling Safe on Campus, and Perceived Stress. **Clin Psychol Rev**. v.28, n.6, p.933–951, 2008.

ROSELLI-CRUZ, Amadeu. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar. **Educ. rev.** n.39, p. 73-85, 2011.

RUSSELL, Stephen T.; FRANZ, Brian T.; DRISCOLL, Anne K. Same-Sex Romantic Attraction and Experiences of Violence in Adolescence. **American Journal of Public Health**.v.91, n.6, 2001.

TAQUETTE, Stella R. *et al.* Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciênc. saúde coletiva**. v.10, n.2, p. 399-407, 2005

TELLES, Edward; BAILEY, Stan. Políticas contra o racismo e opinião pública: comparações entre Brasil e Estados Unidos. **Opinião Pública**. Campinas, v.8, n.1, p.30-39, 2002.

UNITED NATIONS ORGANIZATION. **Drugs crime and violence**: the microlevel impact. New York: United Nations Organization, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.9, n.2, 2001.

WONG, Carolyn F. *et al.* Discrimination, Violence and Illicit Drug Use among Young Men Who Have Sex with Men. **AIDS Educ Prev**. v.22, n.4, p.286–298, 2010.